UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

IARA KAROLYNE MENEZES DA COSTA

OS ESTEREÓTIPOS DA FALA NORDESTINA EM NOVELAS BRASILEIRAS

SERRA TALHADA – PE

2025

IARA KAROLYNE MENEZES DA COSTA

OS ESTEREÓTIPOS DA FALA NORDESTINA EM NOVELAS BRASILEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês
Orientadora: Prof.ª Dra. Lílian Noemia T. M. Guimarães.

SERRA TALHADA – PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário: Israel Lacerda do Nascimento – CRB - 42317

C837e Costa, Iara Karolyne Menezes da
Os Estereótipos da fala nordestina em novelas brasileiras / Iara Karolyne Menezes da Costa. – Serra Talhada, 2025.
51 f. il.

Orientador (a): Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada - UAST, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, PE- BR, 2025.

Inclui referências.

1. Língua portuguesa - Estilo. 2. Preconceitos na comunicação de massa. 3. Telenovelas. 4. Pesquisa Qualitativa. 5. Estereótipos (Psicologia social) na televisão. I. Guimarães, Lílian Noemia Torres de Melo, orient. II. Título.

CDD 410

OS ESTEREÓTIPOS DA FALA NORDESTINA EM NOVELAS BRASILEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada UFRPE/ UAST, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães (UFRPE/UAST)

(Orientadora)

Profa. Dra. Kall Anne Sheyla Amorim Braga (UFRPE)

(Examinador 1)

Prof. Dr. Cícero Kleandro Bezerra da Silva (UFRPE/UAST)

(Examinador 2)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me abençoar nesta jornada acadêmica e estar sempre iluminando os caminhos que percorri. Dedico também à minha família, meus pais e minha irmã. Eu pensava que nunca encontraria um trevo de quatro folhas, até me dar conta que nossa família é constituída por quatro pessoas. Vocês são a minha sorte.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são profundos e palavras jamais conseguirão expressar minha gratidão. Entretanto, agradeço a Deus por guiar e se manter presente em minha jornada, por acalmar meus anseios em diversos momentos.

Agradeço também à minha família. A meu pai, Francisco, por me ensinar a importância de ser forte, principalmente mentalmente, por me ajudar de diversas maneiras. Só tenho a agradecer por ter esse pai maravilhoso e tão presente em minha vida.

À minha mãe, Marluce, por ser um exemplo de mulher. Por todas as suas conversas e carinhos, por me mostrar diversas vezes o caminho que eu devia seguir e me apoiar em tudo que me proponho a fazer. Eu não desejaria uma mãe melhor.

À minha irmã, Patrícia, por todo incentivo, todas as conversas, toda a ajuda. Sua presença é essencial em minha vida, e foi ainda mais nesses últimos 4 anos. Seus abraços foram alívios sentimentais em diversos momentos.

Papai e mamãe, obrigada por me proporcionarem a oportunidade de conquistar tanto conhecimento. Com vocês ao meu lado a vida é fácil de ser vivida, sinto que posso conquistar o mundo, e o que me motiva é saber o orgulho que vocês sentem ao ver suas filhas realizadas.

Quero também agradecer às pessoas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e que, de alguma forma, me fizeram permanecer sã e continuar a seguir o meu sonho. Ao meu cunhado, Júnior, por estar sempre, juntamente com minha irmã, me proporcionando momentos de risos e brincadeiras.

À minha prima, Tainá, que participou desses quatro anos me ouvindo reclamar, agradecer, rir e chorar.

Às minhas amigas Maria Vitória e Maria Helena, que foram pilares essenciais na minha formação acadêmica e na minha vida pessoal. Amizades que levarei para toda a vida.

Aos meus amigos Carlos Ribeiro, por sempre estar arrancando risadas, até mesmo nos momentos mais difíceis, e Paulo Almeida, por ser um amigo companheiro.

Quero agradecer também à minha antiga professora Renata Lívia, por me iniciar na pesquisa e me fazer enxergar, de forma apaixonante, a área da Sociolinguística, esse mundo ao qual eu pertenço.

À professora Maria de Fátima, mesmo que por breve período, me orientou na execução deste trabalho, me aconselhando e dando o suporte necessário para minha escrita.

À minha orientadora Lílian Noemia, grande mulher, inteligente, gentil e carismática, lhe agradeço por todo conhecimento e dedicação que empregou nesse trabalho. Você foi essencial na minha vida acadêmica e pessoal. Mais que uma orientadora, em diversos momentos, senti como se fosse minha amiga. Me trouxe luz quando o escuro me encontrava.

E por fim, mais não menos importante, agradeço sinceramente à banca examinadora, professor Cícero Kleandro e professora Kall Anne Amorim, por aceitarem avaliar meu trabalho e trazer considerações importantes. Suas palavras serão sempre lembradas por mim, agradeço por todos os conselhos e críticas.

Terra de cultura viva, Chico Anísio, Gonzagão de Renato Aragão.
Ariano e Patativa. Gente boa, criativa
Isso só me dá prazer e hoje mais uma vez eu quero dizer
Muito obrigado ao destino, quanto mais sou nordestino
Mais tenho orgulho de ser (Bessa, 2022).

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da fala nordestina em novelas brasileiras, buscando entender como determinados aspectos linguísticos e discursivos promovem a estereotipização de diversos preconceitos relacionados ao povo nordestino. Dessa forma, busca-se identificar de que forma as telenovelas criam e influenciam uma visão distorcida de determinadas culturas. O estudo utiliza-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, com bases de suporte na sociolinguística. O referencial teórico é norteado por escritores com conhecimentos variados sobre as temáticas apresentadas na pesquisa, tais quais: Almeida (1977), Barbisan (2004), Barker (2004), Lakoff (1990) e Lakoff e Johnson (1999), Marcuschi (2005), Possenti (1996) e Scherre (2017), entre outros. A pesquisa possui um *corpus* total de oito novelas, possuindo personagens nordestinos com certo destaque nos últimos dez anos. Mas somente 3 novelas entraram na constituição do nosso *corpus* específico, sendo: Mar do Sertão, No Rancho Fundo e Guerreiros do Sol. A escolha dessas três novelas é resultado de uma decisão metodológica, baseada nas categorias analíticas mais frequentes, que serão aplicadas nas análises: itens lexicais e humor. Por fim, averiguamos, por meio das análises, que as falas elencadas aos personagens nordestinos demonstram uma noção inferiorizada, subalterna e caricaturada da fala nordestina. O humor e a visão do nordestino bruto se sobressaem nesses papéis, instigando ainda mais a perpetuação de estereótipos. Conclui-se então que as telenovelas acabam, propositalmente ou não, promovendo um dialeto estereotipado e visto como vindo de uma região pobre, atrasada, muito machista, sem cultura e selvagem.

Palavras-chave: Estereótipo. Fala nordestina. Novelas. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This study analyzes the representation of Northeastern speech in Brazilian soap operas, seeking to understand how certain linguistic and discursive aspects promote the stereotyping of various prejudices related to the Northeastern people. Thus, it seeks to identify how soap operas create and influence a distorted view of certain cultures. The study uses qualitative and interpretive research, based on sociolinguistics. The theoretical framework is guided by writers with varied knowledge on the themes presented in the research, such as: Almeida (1977), Barbisan (2004), Barker (2004), Lakoff (1990) and Lakoff and Johnson (1999), Marcuschi (2005), Possenti (1996), and Scherre (2017), among others. The research has a total corpus of eight soap operas, featuring Northeastern characters who have been prominent in the last ten years. However, only three soap operas were included in our specific corpus: Mar do Sertão, No Rancho Fundo, and Guerreiros do Sol. The choice of these three soap operas is the result of a methodological decision based on the most frequent analytical categories that will be applied in the analyses: lexical items and humor. Finally, through analysis, we found that the lines spoken by the Northeastern characters demonstrate an inferior, subordinate, and caricatured notion of Northeastern speech. The humor and vision of the crude Northeastern man stand out in these roles, further instigating the perpetuation of stereotypes. It can therefore be concluded that soap operas end up, intentionally or not, promoting a stereotypical dialect that is seen as coming from a poor, backward, very macho, uncultured, and savage region.

Keywords: Stereotype. Northeastern speech. Novels. Linguistic prejudice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2. O ESTADO DA ARTE 15

3. LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS E IMPORTANTES 20

4. A SOCIOLINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO 23

5. ESTEREÓTIPOS SOCIAIS: BREVES NOÇÕES 27

6. NOVELA: UM VEÍCULO DE ENTRETENIMENTO E INFLUÊNCIA SOCIAL 30

7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 33

7.1. CORPUS DE ANÁLISE 34

7.2. DESCRIÇÃO DO *CORPUS* 35

7.3. CATEGORIAS ANALÍTICAS 37

8. NOVELAS EM AÇÃO: FALAS E ESTEREOTIPIZAÇÃO 39

8.1. SÍNTESE ANALÍTICA 45

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

REFERÊNCIAS 49

1. INTRODUÇÃO

A fala é usada como uma forma de comunicação, como forma de instrumentalização do pensamento. Hoje em dia, os estudos sobre fala obtiveram alguns avanços que vieram sendo realizados graças às pesquisas da Sociolinguística, uma delas corresponde à disseminação dos estudos acerca da variação linguística, acontecendo cada vez mais até mesmo nas escolas. De acordo com a fala de Etto e Carlos (2017) a seguir, podemos compreender a maneira como a área enxerga e explica a singularidade da fala social:

> Para a Sociolinguística, não existe um único código linguístico absoluto que deva nortear a fala de todos porque a própria variedade linguística reflete a variedade social, e dentro de uma variação, uma sentença pode não estar de acordo com as normas gramaticais propostas pela norma padrão, mas pode estar linguisticamente correta, pois realiza uma comunicação efetiva (Etto; Carlos, 2017, p. 733).

Portanto, podemos afirmar que, dentro da fala, o mais relevante é a efetividade da comunicação, da interação e da construção de sentidos realizada a partir da troca de mensagens. Pensando nessa troca de mensagens, é importante frisar que a evolução e continuidade de uma língua depende da variação, da flexibilidade e da aceitação de novos vocábulos e modos de comunicação. Com isso, ainda de acordo com Etto e Carlos (2017), entendemos que:

> [...] fica clara a necessidade de se desfazer os comportamentos preconceituosos e discriminatórios com relação aos usos da língua, sendo as consequências destes, nocivas à cultura brasileira e ao ensino de qualidade, pois tratar da norma culta e padrão, não significa dizer que se deve escrever como se fala, e sim, escrever de acordo com os diversos contextos sociais relacionados aos vários tipos de usos da língua, levando-se em conta a dinamicidade e a evolução presente em todas as línguas que permitem inúmeras possibilidades aos falantes. (Etto; Carlos, 2017, p. 733)

A partir disso, podemos compreender a razão de existirem diversas línguas ao redor do mundo, cada uma com suas características únicas, sotaques, dialetos e normas. No Brasil, por exemplo, existem duas línguas oficiais, o Português e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Entretanto, em nossa pesquisa, privilegiamos o olhar apenas para a primeira, dado o objetivo da pesquisa. Bagno (2006) destaca que há aproximadamente 180 dialetos no território brasileiro - o que comprova o alto grau de diversidade e variabilidade da Língua Portuguesa.

A fala, por ser um dos instrumentos mais importantes para o gênero televisivo, como as novelas, é usada para criar histórias fictícias, personagens fictícios, com diferentes regionalidades. É aqui, onde nos deparamos com tentativas de construir uma imitação da vida real. São variadas histórias com conflitos, dramas, pobreza, riqueza, corrupção etc. Tais histórias representam vários lugares do Brasil, sejam estados ou cidades específicas, mas o problema real inicia-se agora. Sabemos que cada lugar possui seu próprio dialeto, seu próprio sotaque, sua própria forma de falar. A fala, no Brasil, não é homogênea e jamais poderia ser devido a todos os povos que constituem o Brasil. Darcy Ribeiro, em O Povo Brasileiro - A Formação e o Sentido do Brasil, nos diz que existem “diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como Sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, Gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc.” (Ribeiro, 1995, p. 21).

Porém, existe um dialeto que ainda é muito estereotipado e visto como vindo de uma região pobre, atrasada, super machista, sem cultura e selvagem. O preconceito aqui citado é relacionado à fala nordestina. O povo brasileiro costuma ser visto com uma população calorosa, solícita, acolhedora, mas é fácil falar tal afirmação quando não se é nordestino. Existe uma grande xenofobia do restante do país em relação ao falar do Nordeste, comentários na internet, piadas ofensivas com o sotaque nordestino, e principalmente as representações grotescas de personagens nordestinos nas novelas.

Dessa forma, eu, Iara Menezes, como pesquisadora e nordestina, nascida e criada no sertão pernambucano, vi a necessidade de defender o falar da minha região, tentando quebrar esses estereótipos, advindos das representações novelísticas, a que nos remetem. Somos muito mais que uma região seca e não devemos ser vistos apenas como uma história baseada em acontecimentos de anos e anos atrás. Somos uma das regiões mais ricas culturalmente, com grandes índices em boa educação, com famosos pontos turísticos que acolhem milhares de turistas em épocas comemorativas. Somos uma grande família, mas com claras diferenças que nos tornam únicos, até mesmo dentro do nosso próprio estado.

E assim, tentaremos responder as perguntas que norteiam esta pesquisa: Como é o tratamento da fala nordestina de personagens no gênero televisivo

novela? e Como a fala nordestina está atrelada à criação de estereótipos sociais, promovendo o preconceito linguístico?

A partir disso, na pesquisa, pretendemos analisar os estereótipos sociais construídos a partir da fala nordestina em novelas brasileiras. Especificamente, a pesquisa tem por objetivos específicos:

- Analisar os itens lexicais selecionados pelas novelas para a atribuição de estereótipos aos nordestinos;
- Investigar a relação entre os estereótipos sociais atribuídos aos nordestinos e a construção do humor na novela;
- Observar como os itens lexicais selecionados, estando associados às variações regionais nordestinas, tornam-se propulsores para o desenvolvimento do humor.

Este trabalho monográfico está estruturado nas seguintes seções: a primeira trata do estado da arte; a segunda traz a abordagem entre a diferenciação de linguagem, língua e fala, assim como as suas relações; a seguinte traz como pauta a ligação entre a Sociolinguística e seu importante papel na desconstrução do preconceito linguístico; a quarta trata dos estereótipos sociais e sua carga negativa dentro da sociedade; a próxima mostra como as novelas se tornaram uma ferramenta de influência social e disseminadora de estereótipos; a sexta informa os processos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho; a seguinte contempla as análises obtidas a partir das cenas selecionadas das três novelas escolhidas; e, por fim, trazemos as conclusões do trabalho.

2. O ESTADO DA ARTE

Neste tópico, trazemos o estado da arte relacionado ao tema deste trabalho para entender as bases referenciais e fazer uma análise para que assim enxerguemos as discussões acerca das concepções que estão sendo criadas para esse tipo de pesquisa. Foram selecionadas três pesquisas intituladas: *"Usos Dialetais e Preconceito Linguístico na Telenovela 'Joia Rara'" (2016), "O Nordeste na Mídia e os Estereótipos Linguísticos: Estudo do Imperativo na Novela Senhora do Destino" (2006)* e *"O Estereótipo do Nordestino na Televisão Brasileira" (2009).*

Os estudos selecionados dialogam diretamente com a representação da fala nordestina em novelas brasileiras. Esses 3 referenciais, produzidos em 2006, 2009 e 2016, foram escolhidos por fornecer subsídios e bases teóricas mais adequadas para a nossa pesquisa. Embora outros trabalhos tenham surgido ao longo dos anos, não se mostraram com contribuições significativas para nosso objetivo. Além disso, os estudos selecionados analisam de forma crítica como a fala nordestina é construída e disseminada dentro desses roteiros novelísticos, e como essa ferramenta destaca a fala como um elemento negativo, de diferenciação entre usuários da mesma língua. Também conseguimos enxergar nesses trabalhos a mídia como recurso disseminador e perpetuador dos estereótipos, da imagem caricatural e estigmatizada do povo nordestino. Sendo assim, podemos encontrar uma relação entre fala, mídia e percepção social dos indivíduos, o que discute bem com o que está sendo trabalhado nessa pesquisa.

Para além disso, o primeiro trabalho foi publicado, sob a forma de artigo, na Revista InterteXto, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pertencente ao Programa de Mestrado Profissional em Letras e direcionado às áreas de Lingua(gem), Estudos Literários, Ensino de Língua (materna e estrangeira), Literatura e Cultura. O segundo trabalho, é uma dissertação de mestrado encontrada no Portal eduCapes, o qual serve de portal de objetos educacionais para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós-graduação que buscam aprimorar seus conhecimentos. O terceiro trabalho é um trabalho de Conclusão de Curso e foi encontrado no Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia, um serviço de informação científica que possibilita o gerenciamento e a disseminação da produção acadêmica da Universidade. O primeiro documento, escrito por Fabiana Pelinson, se chama "Usos Dialetais e

Preconceito Linguístico na Telenovela ‘Joia Rara’”. O artigo determina questões a serem analisadas e respondidas através da pesquisa, as quais são:

> a) Como os usos dialetais e o sotaque são apresentados na telenovela “Joia Rara”, exibida em 2013 pela Rede Globo? b) Em que medida esse mesmo uso contribui para a construção de estereótipos? e c) a evidência de determinada voz dialetal, historicamente estigmatizada, contribui para a desconstrução do preconceito linguístico? A análise debruça-se sobre os usos linguísticos da personagem Zefinha, uma nordestina que vai para o Rio de Janeiro em busca de ascensão social e, para isso, tenta esconder suas origens nordestinas (Pelinson, 2016, p. 2-3).

Assim, a autora usa, para embasamento teórico, autores como Bagno (2006), Ileana Maia (2010), Ingedore Villaça Koch (1992) e Jesus Martín-Barbero (2009), entre outros. As críticas presentes aos estereótipos, presentes nas novelas brasileiras, ligados aos personagens, são sempre de uma pessoa pobre, que não possui educação, que fala engraçado e que vem de um lugar atrasado. Como descreve a autora:

> As variações linguísticas nas telenovelas são, geralmente, utilizadas para dar verossimilhança aos personagens. Entretanto, ao invés de causar no telespectador uma sensação de ambiência realista, os usos linguísticos carregados de dialetos e sotaques são arremedos, geralmente mal feitos, do linguajar de determinadas regiões e épocas retratadas (Pelinson, 2016, p. 10).

Outrossim, Pelinson utiliza uma citação de Martín-Barbero para esclarecer que a crítica não deseja atingir o gênero televisivo em si, mas a criação do roteiro, que dinamiza e delimita os personagens nordestinos a uma figura digna de pena:

> É importante salientar que não se considera, neste artigo, as telenovelas como produtos alienantes e manipuladores, mas pressupõe-se o entendimento de que os receptores possuem meios de resistir, e até ressignificar, os conteúdos midiáticos (Martín-barbero, 2009 *apud* Pelinson, 2016, p. 12).

Dessa forma, vemos que o problema não está nas telenovelas, mas como o roteiro é criado e como as características são desenhadas para os personagens.

Ademais, podemos citar outro trabalho que nos comunica sobre discussões acerca de como é a visualização da fala nordestina. Na dissertação, “O Nordeste na Mídia e os Estereótipos Linguísticos: Estudo do Imperativo Na Novela Senhora do Destino”, de Étel Teixeira de Jesus. Ao falar sobre estereótipos, Étel utiliza diversos autores como Hamilton e Sherman (1994), Hewstone e Giles (1997), Walter Lippmann (1997), para definir o conceito desta palavra, e que, além disso,

também existem estereótipos positivos acerca de grupos sociais, mas não damos importância a eles por gerarem menos incertezas.

Posteriormente, observamos que a mídia está envolvida com a disseminação desses estereótipos. E que ela consegue conectar as pessoas com diversos fatos ao redor do mundo, e assim influencia a visão das pessoas sobre qualquer sociedade. Assim, Jesus diz:

> Ainda que o tamanho da influência da mídia não seja ponto pacífico, está claro que as nossas percepções sobre a realidade que nos cerca são fruto, entre outros aspectos, das informações que nos chegam através dos meios de comunicação, a saber, rádio, televisão, jornais, internet (Jesus, 2006, p.14).

Dessa forma, é possível transformar suas opiniões de acordo com aquilo que está ouvindo ou assistindo, transformando sua visão de mundo.

Eventualmente, Novelas e Estereótipos se encontram para compor mais uma seção dessa dissertação, e aqui é possível falar não somente do estereótipo do nordestino, mas de como são as características direcionadas a personagens gays, negras, empregadas e pessoas da zona rural.

Certamente, a construção e reprodução desses estereótipos acabam construindo um mundo imaginativo na mente das pessoas. E, segundo Jesus:

> Dessa forma, as novelas funcionam como um suporte na composição do imaginário coletivo e, sendo o imaginário representação da realidade, há uma tendência de se pensar que o conteúdo veiculado pela televisão é a expressão daquilo que, efetivamente, vivenciamos no dia-a-dia, tanto em termos de imagem quanto em termos de linguagem (Jesus, 2006, p. 17).

Sendo assim, é possível compreender, a partir da fala de Jesus, que as novelas se tornam um guia, uma viagem, um local de aprendizado, onde muitas pessoas acabam tomando aquele conteúdo como uma verdade.

Por fim, temos a monografia de Priscila Chammas Dáu, O Estereótipo do Nordestino na Televisão Brasileira, onde sua pesquisa se fixa em mostrar como a televisão é uma grande encarregada da alienação da população quanto ao Nordeste. Um de seus principais argumentos é introduzir ao leitor a informação da desimportância que o Nordeste, e também o Norte, recebem das grandes emissoras. Um exemplo que Dáu cita é:

> No apagão que atingiu parte do Brasil e do Paraguai em 10 de novembro de 2009, a notícia veiculada pelos primeiros plantões da Rede Globo era de que o blackout atingira as capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Campo Grande, Belo Horizonte e “parte da região Nordeste”. [...] Nos dias que se

> seguiram, o incidente, que teve a região Sudeste como mais atingida, tomou proporções enormes na mídia nacional, ocupando quase que a totalidade das pautas dos telejornais (Dáu, 2009, p.12).

Logo, podemos concluir que desde sempre a preferência de ocupação das emissoras sempre foi dada ao sudeste, principalmente Rio de Janeiro — São Paulo. E não é à toa que, até hoje em dia, quem quer fazer sucesso e obter grandes oportunidades de crescimento no meio da indústria midiática precisa se mudar para uma dessas grandes metrópoles.

Em outra seção, Dáu trata do preconceito linguístico e como este está presente em nosso país. Ela utiliza autores como Bagno (1999), Bourdieu (1997), Júnior (2007) e Medeiros (2006), iniciando sua discussão sobre o mito da homogeneidade da língua portuguesa no Brasil, mostrando que esse mito esquece de mencionar a contribuição das línguas indígenas, africanas e de outras partes do mundo na composição da formação do português brasileiro.

Além disso, Dáu ainda propõe uma análise do preconceito linguístico acerca da gramática padrão do português, mas que não é utilizada em sua totalidade, por nenhum estado brasileiro na língua falada, e assim ela nos diz:

> Ao mesmo tempo, ainda que alguma região o fizesse, a linguagem escrita jamais conseguiu reproduzir a fala com fidelidade. Ou seja, a pronúncia correta das palavras não pode ser inferida a partir de sua grafia. Partindo deste raciocínio, só se pode concluir que o agente e o paciente do preconceito linguístico são determinados, no mínimo, por convenções duvidosas, originadas por outros fatores, que não a fala em si (Dáu, 2009, p. 21).

Finalizando essa abordagem, a autora traz diversas questões culturais, como a do músico Luiz Gonzaga, que, ao usar roupas características do vaqueiro, cria uma certa deturpação na visão do que seria o nordestino, tendo um efeito contrário do que ele, provavelmente, queria mostrar ao país. Há questões sociais e econômicas que surgem desde a mudança da capital do Brasil para o Rio de Janeiro, quando São Paulo se tornou a grande potência nacional com a produção de café, enquanto Bahia e Pernambuco apresentaram um declínio com o ciclo da cana-de-açúcar.

Outrossim, para falar do sotaque nordestino, Dáu nos leva a uma avaliação clara de que o personagem nordestino é sempre imitado com um mesmo sotaque nas novelas, e, além disso, ela nos mostra que existe uma elitização de pronúncia na mídia, e que um nordestino teria muito mais dificuldade em conseguir um

trabalho em um local jornalístico que alguma outra pessoa do sudeste do país. A referida autora diz:

> No entanto, é verdade também que profissionais do eixo Rio - São Paulo enfrentam menos problemas de acesso às emissoras de TV, já que a fala do Sudeste do Brasil foi "eleita" por elas como o padrão mais agradável aos ouvidos do telespectador médio (Dáu, 2009, p. 27).

Assim, a visão limitada e uma hierarquia imposta faz a população criar gosto por esse sotaque "limpo", como diz a autora. Mas ainda é possível apontar essa limitação no próprio sotaque paulista, que é apontado como tendo pelo menos 5 tipos:

> Seguindo a mesma linha, em entrevista ao Programa do Jô (24/07/09), o humorista Marcelo Adnet critica: "Dizem que paulista tem um sotaque só [...] Eu falo: 'não, isso é mentira', o paulista tem vários tipos de sotaque, também". Ele é capaz de imitar cinco sotaques paulistas diferentes, que intitula: o paulista da MTV, o "italiano de Catanduva", o paulista do interior, o "nasalês" (aquele com uma pronúncia nasal) e o da periferia (Dáu, 2009, p. 27-28).

Dessa forma, é possível notar que nem os demais sotaques paulistanos escapam dessa elitização criada pelas televisões. E obviamente, a autora não deixaria de mostrar que isso também se estende ao sotaque nordestino, como dito anteriormente, vejamos:

> Nesse contexto, os sotaques nordestinos são vistos como rudes e populares. Reduzidos a uma coisa só. Os sotaques reproduzidos nas telenovelas e programas de humor geralmente são identificados apenas como "nordestinos", sendo impossível a sua identificação com uma região particular. Não se vê as nuances específicas da Bahia, Pernambuco ou Ceará, mas apenas um sotaque caricatural e unificado, que só faz sentido para os telespectadores de outras regiões (Dáu, 2009, p. 28-29).

Por fim, é notável que essa mistura de sotaques nos diz muito sobre o interesse e a importância colocada na criação dos roteiros novelísticos, quando nem uma simples diferenciação de sotaques nordestinos possuem a devida relevância nessas tramas novelísticas.

3. LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS E IMPORTANTES

A principal característica da fala, talvez, seja o compartilhamento das experiências de vida, da bagagem cultural que cada um carrega consigo. Uma forma única que cada ser humano traz, de acordo com seu espaço social. E vejamos que aqui não citamos questões de estruturação da fala, de gramática, norma padrão, etc. Somente a fala em seu modo mais comum, a fala do dia a dia, que a todo momento passa por um processo social global, sofrendo mudanças/ alterações.

Sabemos que a fala é uma das modalidades da língua. Entretanto, não devemos confundir ambas, como vemos no trabalho de Leci Borges Barbisan, *Língua e Fala: Conceitos Produtivos de Teorias Enunciativas (2004)*, uma clara diferenciação a partir do *Curso de Linguística Geral (2000)* de Ferdinand de Saussure, o qual o linguista busca trazer uma detalhada amostra do que cada uma traz em sua particularidade: que a língua é um produto social, vista como sistema e se torna norma para todas as manifestações da linguagem, sendo assim um produto que o indivíduo registra passivamente. E a fala acaba por ser a utilização da língua, de caráter livre, autêntico, com peculiaridades que cada indivíduo traz de suas vivências de mundo (Barbisan, 2004, p. 68-69). Dessa forma, podemos concluir que a língua é algo passado de geração para geração, dependendo do meio no qual o indivíduo se encontra, mas é através da fala, e com suas características particulares, que a língua se fará presente no mundo, não sendo, dessa forma, homogênea.

A fala também é linguagem, pois se língua e fala são inerentes uma à outra, e a língua é a linguagem que utiliza a palavra, a fala se torna a concretização dessas duas. Logo, de acordo com toda a reflexão acima, pensamos que a fala seja algo universal, e sendo mais específica, no Brasil, ela seja nacional. Porém, isso não é de todo verdade, existe ainda hoje uma fala elitizada no Brasil, um tipo de fala que pode ser pronunciada em qualquer lugar sem ser ridicularizada, sem ser vista como estranha, sem o estereótipo “olha que diferente”. Essa fala é a do centro-sul do país: a língua vista como tradicional brasileira. No artigo *Linguagem Regional e Fala Popular (1977)*, publicado na revista de Ciências Sociais de

Fortaleza, Mauro William cita uma fala de Ariano Suassuna que exemplifica bem o que aqui foi citado:

> Algo semelhante, já nos anos 70, é proposto por Suassuna: mais uma vez, trata-se de assumir a "raça castanha" do nosso povo, contrapô-la à "burguesia castrada, sem-vergonha e superficial" do centro-sul. Não estranhem o ataque à "burguesia cosmopolita": Suassuna defende aqui a oligarquia sertaneja, os "cavaleiros sertanejos" das fazendas de algodão e de gado, arruinados pelo capital, pelo monopólio, pelos gringos (Almeida, 1977, p. 174-175).

Trazemos tal citação para mostrar que os interesses políticos e de poder, relacionados ao nordeste, já eram desprezados e abafados. Não é necessário, então, citar como a fala nordestina era vista naquela época.

A língua é uma capacidade física específica do ser humano, não é à toa que uma criança de 3 anos já consegue balbuciar sílabas e se comunicar com seus pais, isto é algo essencial à nossa sobrevivência, tanto que as línguas de sinais foram desenvolvidas para que houvesse uma comunicação entre surdos e ouvintes, embora existisse uma grande negação e não aceitação dessa língua no seu início.

A fala é uma das mais belas conquistas da história da humanidade, é através dela que podemos expressar nossos sentimentos de diversas maneiras, com a maior ênfase possível. E colocar a nossa alma nas palavras que proferimos. Talvez, apenas a fala possua a entonação e modo íntimo de expressar uma única e pequena frase que possua significação suficiente para podermos dizer a alguém o quanto a amamos, para dar adeus a uma pessoa amada, para magoar para sempre alguém próximo a nós; é a fala que possui toda uma particularidade tão singular que as pessoas não percebem o quanto se tornam íntimas depois de uma hora de conversa. A fala, como já citada, atravessa gerações e traz a sensação de pertencimento a um grupo.

O mundo a usa sem pudor, de diferentes formas e com diversos sotaques no dia a dia. Seja para gritar suas dores, suas preces, suas indignações ou seus amores. A comunicação entre pessoas, na sociedade, pode ser dividida em três partes: a linguagem, a língua e a fala. Neste trabalho, veremos o conceito dessas três entidades na perspectiva da Sociolinguística.

No artigo *“O locus da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov”(2014)*, podemos ver uma fala de Meillet em relação à definição da linguagem. “Meillet, enquanto contribuía com o

jornal de Durkheim, L'année Sociologique, definiu a linguagem como um fato social" (Meillet, 1948 [1905–1906], p. 230 *apud* Marra; Milani, 2014, p. 53).

Sendo assim, a linguagem é vista como qualquer conjunto de signos que representem um significado e que transmitam uma mensagem, mediante uma sociedade. Da mesma forma, é possível falar sobre a definição de língua e fala mediante uma fala de Labov sobre o Paradoxo Saussuriano. "Assim, temos o "Paradoxo Saussuriano": o aspecto social da língua é estudado através da observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente através da observação da língua em seu contexto social (Labov, 1991 [1972], p. 186, *apud* Marra; Milani, 2014, p. 55). Ou seja, podemos entender a língua como um conjunto de regras gramaticais, onde qualquer pessoa que possua aquisição de tal língua compreende a mensagem que se quer passar, possuindo um repertório social e cultural. Já a fala é uma forma de expressão pessoal, advinda de um caráter individual. Ela também sofre interferência da experiência de mundo de cada indivíduo e de personalidade, podendo expressar suas ideias e opiniões formalmente e informalmente, a depender da capacidade de entendimento linguístico do interlocutor.

Dito isto, devemos refletir sobre o quanto e como um veículo de entretenimento consegue aumentar e instigar um tipo de preconceito. Veremos mais sobre o assunto na próxima seção.

4. A SOCIOLINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Antes de tudo, devemos entender o que é a sociolinguística e, após, saber como ela está interligada com o preconceito linguístico. A sociolinguística preocupa-se em estudar a língua no meio social, ou seja, na sua relação entre língua e sociedade. Quando pensamos em “Existe uma única maneira de falar certo?”, “Olha como aquela pessoa fala estranho”, “O brasileiro fala cantando”, todas essas percepções estão dentro da área da sociolinguística. Porém, seu principal tema, por ser seu objeto de estudo, são as variações linguísticas. Vale ressaltar uma afirmação, contida no plano da disciplina de sociolinguística da Universidade Federal De Santa Maria Centro De Artes e Letras:

> A sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade (Borin, s/d, p. 10).

Existem dois pontos de vista da variação linguística, a partir da sociolinguística, o diacrônico e o sincrônico. No diacrônico, temos a passagem do tempo e das formas de uso das palavras, como as que já caíram em desuso, mas também o acompanhamento da evolução de determinada língua. No sincrônico, existem três vertentes: A primeira é a variação diatópica ou geográfica, em que determinada coisa pode ter mais de um nome, como é caso de mexerica, bergamota e ponkã, tais palavras se referem a mesma fruta, mas são faladas em regiões diferentes do Brasil. A segunda é a variação diastrática ou social, que resulta da diferença entre classes sociais, como por exemplo: “Nós fumo” e “Nós fomos”, ou da faixa etária, como em: “Obrigada” e “Valeu”. A terceira é a variação diafásica ou estilística ou situacional, que resulta do ambiente onde o indivíduo está. Numa conversa entre amigos, são usadas gírias, vícios de fala, como “tipo isso”, “sei lá” etc. Já em palestras, reuniões, trabalhos acadêmicos, se usa uma linguagem mais perto possível da linguagem padrão.

Dessa forma a sociolinguística pode abranger diversos caminhos de estudos, podendo estudar a fala de bairros nobres de São Paulo, de comunidades do interior do sertão do Nordeste, de pessoas que moram no centro-sul do país, etc. e assim uma das primeiras coisas a se notar é variação e a diferenciação linguística, pois toda comunidade de fala possui aspectos culturais próprios, modos de falar diferentes.

Agora que está claro o principal objeto de estudo da sociolinguística, devemos entender do que se trata o preconceito linguístico.Conforme definição do dicionário Dicio[1] preconceito linguístico é um “substantivo masculino, juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; prejulgamento”. Dessa forma, podemos colocar o preconceito linguístico, no Brasil, como uma forma de intolerância linguística a pessoas que não fazem o uso “correto” da língua padrão, seja por motivo de falta de escolarização, baixas condições financeiras e sociais, etc.

Devemos lembrar que existem variadas formas de se falar o português brasileiro, e que o Brasil é um país imenso, territorialmente, tendo, assim, diversas culturas e falares. Então, o ensino exclusivo de uma norma padrão, de uma gramática normativa, sem evidenciar a diversidade de falares existentes, torna esta cultura do preconceito linguístico ainda mais forte.

No livro *“Por que (não) ensinar gramática na escola”*, Sírio Possenti nos diz que “dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural” (Possenti, 1996, p. 11).

Como podemos ver, não se trata de não ensinar a gramática normativa da língua portuguesa, mas mostrar nas escolas que já existiram e que existem formas diferentes de falar como, por exemplo, no livro “O Ensino da Língua Portuguesa: Considerações sobre o preconceito linguístico”, de Cleo Santos, que nos mostra alguns exemplos de transformações que já ocorreram na língua portuguesa, ao modo que “creme rince, CIC, japona, calça fusô, phosforo e pharmacia que hoje se transformaram em condicionador, CPF, jaqueta, calça legging, fósforo e farmácia” (Santos, 2022, seção 1).

É necessário, também, trazer à tona o preconceito linguístico advindo da relação do centro-sul do país com a globalização. O que acontece nesse cenário é a exaltação de culturas e vocabulários eurocentristas e americanizados (vindo dos Estados Unidos), e o desprezo das tradições e falares do restante do país. E isso fica cada dia mais comum com o contato que crianças e jovens possuem através

[1] Disponível em: https://www.dicio.com.br/preconceito/. Acesso em: 22 de Mar. 2025.

de uma tela de celular. Claro que isso não se limita apenas à fala, mas ao modo de vestir, de viver, de olhar o mundo. E isso se torna preocupante, pelo fato de existir grandes diferenciações entres esses países e o Brasil, e como esses jovens pretendem que o mundo seja projetado para eles. Podemos obter uma reflexão sobre isso a partir do escrito "*Linguagem Regional e Fala Popular"*, de Almeida, na Revista de Ciências Sociais de Fortaleza:

> As elites empregam as ideias importadas, selecionando-as e reinterpretando-as, e assim aplicam símbolos universalizados nas suas relações técnicas, na vida política formalizada, e nas reflexões filosóficas..., mas tais símbolos universais não funcionam inteiramente quando se trata de autorreconhecimento dessas mesmas elites por oposição às demais elites (Almeida, 1977, p. 172).

Acreditamos que a luta contra o preconceito linguístico não está perto do fim, devido à forma como as falas fora da norma padrão são vistas. Por exemplo, se um sujeito corrige outro devido sua fala estar fora das regras da língua padrão, isso é visto como algo construtivo, como um ensinamento. E existem milhões de pessoas que pensam dessa forma. Logo, como mudar seus pensamentos, se esta é a visão que possivelmente prevalece no mundo?

Existem diversos preconceitos em nossa sociedade, o preconceito racial, o preconceito contra a mulher, preconceito contra pessoas com deficiência, etc. Todos eles são notificados na mídia, tanto em redes sociais, quanto em espaços televisivos. Entendemos que preconceitos desse gênero podem ter um peso maior na sociedade, devido ao risco de ocorrer violência física ou até mesmo chegar ao ponto da morte, contra essas pessoas. Porém, é a partir da educação que situações como essas podem começar a diminuir, é a partir de transmissões sobre questões educacionais, como a do preconceito linguístico que as pessoas podem começar a olhar o mundo com outros olhos. Na revista observatório, vemos uma citação muito bem colocada ao se falar sobre esse preconceito:

> Entretanto, o preconceito linguístico é: O julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, consequentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo [...] O preconceito linguístico – o mais sutil de todos eles - atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer

> assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar (Scherre, 2017, p. 08).

Assim, podemos enxergar a sociolinguística como a área da Linguística responsável pela preocupação com a redução do preconceito linguístico. Consideramos que, se os pressupostos que envolvem o estudo do preconceito linguístico fossem levados, desde cedo, aos estudantes, com a explicação das variações linguísticas, a língua padrão e conceito de “certo” ou “errado”, tão usado no ensino, haveria uma possibilidade deste preconceito ser reduzido aos poucos. E, possivelmente, com o passar do tempo, as variações linguísticas, dialetais, seriam melhor aceitas na sociedade.

Dessa forma, podemos então entender a relação entre preconceito a partir do surgimento de um estereótipo, quando, de acordo com Vala, Moscovici e Billigmeier (1993, 1961 e 1990 *apud* Baker, 2004), ocorre um processo de aceitação de padrões que se tornam únicos e verdadeiros, relacionados à cultura do outro. E não somente isso, a visão do outro se torna a realidade, fomentando uma distorção de todo um cenário pré-existente. Ademais, é possível haver inclusões de características em esferas já pertencentes a determinados grupos sociais, ou simplesmente limitar um povo, e toda sua vivência, a acontecimentos passados, jeitos e trejeitos, ou a partir de uma única experiência vivida, ignorando qualquer possibilidade de mudança no meio, tornando, dessa forma, o estereótipo como uma condição rígida do outro, padronizado e generalizado. Vejamos mais sobre os estereótipos sociais na próxima seção.

5. ESTEREÓTIPOS SOCIAIS: BREVES NOÇÕES

O conhecimento básico que sabemos sobre estereótipos é que são ofensivos e, na maioria das vezes, são tomados como pontos negativos relacionados a alguém ou a um grupo social. De acordo com Atkinson (1983 *apud* Lima, 1997) podemos entender os estereótipos a partir de uma abordagem cognitiva:

> Do ponto de vista da psicologia cognitiva, um estereótipo é social porque se refere à caracterização de grupos e porque se trata de cognições de grupos, a respeito de indivíduos identificados sob categorias sociais genéricas, que se revelam como tendo um papel particularmente importante na memória construtiva. Encarado deste modo, “o estereótipo é um pacote de conhecimentos acerca de traços de personalidade ou atributos físicos que assumimos serem verdadeiros para toda uma classe de pessoas" (p. 170).

Um exemplo claro e conhecido pela sociedade, que acabou se tornando brincadeira, até mesmo nas redes sociais, é o de que toda estudante de odontologia precisa ser loira, ter o cabelo liso e dirigir um carro chamado HB20.

Todavia, os estereótipos vão muito além do que o senso comum intitula como “brincadeiras” que vemos no dia a dia. O surgimento de estereótipos se dá a partir da necessidade de caracterizar um determinado grupo social de acordo com suas estereotipias, seja no modo de falar, agir, se portar em algum ambiente, características físicas, etc. Obviamente não podemos negar que todo grupo social possui características em comum uns com os outros, como afirma Marcuschi (2005 apud Azevedo, 2008):

> [...] ainda de acordo com o autor: não devemos ser ingênuos a ponto de ignorar que as representações de um grupo social têm uma estabilidade bastante grande, que se costuma designar como propriedades típicas de um dado fenômeno e que constroem sua tipicidade ou prototipicidade (Azevedo, 2008, p. 102).

Entretanto, estas representações sociais, pertencentes a um grupo específico, não podem/devem ser utilizadas como regra para caracterizar toda uma população em especial. É assim que, a partir de estereotipias e representações sociais, surgem os estereótipos sociais, trazendo uma carga de negatividade para determinado grupo de pessoas. Ainda citando Azevedo (2008), ela descreve como Lakoff (1990) e Lakoff e Johnson (1999) visualizam os estereótipos sociais:

> Lakoff (1990) trabalha com o conceito de estereótipos sociais, mas não como uma mera oposição à noção de protótipo. Nas considerações do autor, os estereótipos são sociais porque podem ser usados para padronizar uma categoria como o todo, por isso são elaborações mais complexas e mais consolidadas cognitivamente. Lakoff e Johnson (1999) ressaltam que o estereótipo é uma categorização negativa de um membro de um grupo. É usado para que façamos julgamentos negativos sobre as pessoas. Os estereótipos sociais são usualmente conscientes e freqüentemente são objetos de discussões públicas (Azevedo, 2008, p. 103).

Assim, como dito pelo autor, essa consolidação cognitiva do estereótipo se fixa e se torna regra na mente das pessoas, dificultando trazer de volta para a realidade a verdadeira visão de como é a cultura e/ou a fala de determinado grupo social.

É possível interligarmos esta questão com o fenômeno midiático das novelas brasileiras, que, ao trazer representações de pessoas das diversas regiões do Brasil, mas principalmente do Nordeste, mantém esta cultura de tornar ainda mais vivo na mente da população o estereótipo do nordestino sujo, analfabeto, caricato, que não aprecia sua própria região devido à grande seca persistente, etc. Por isso, é necessário trazer à tona o cuidado que se deve ter ao continuar perpetuando esses estereótipos, sejam eles relacionados a qualquer grupo social ou natureza.

Barker (2004) explica que, a partir deles, a visão que temos de uma comunidade pode ser mudada e enraizada em nossa mente:

> Uma vez que os estereótipos se formam frequentemente a partir de uma mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas (Billigmeier, 1990), importa compreender que processos sociocognitivos se encontram implicados na produção da estereotipia enquanto representação social (Barker, 2004, p. 107).

Sendo assim, podemos então refletir sobre o motivo de os estereótipos, por exemplo, relacionados aos nordestinos. Pessoas pertencentes a outros grupos regionais, principalmente aqueles com acesso à internet, deveriam excluir esses conceitos que estão arraigados sobre a região nordeste de suas vidas, visto que, não precisando de muito esforço, é possível enxergar a verdadeira realidade. O impacto dos estereótipos sociais vai muito além de uma tipificação caricata ou simplista de determinada comunidade. Barker (2004) explora a verdadeira face do que são os estereótipos sociais, conforme pode ser observado na próxima citação:

> Assim, estereótipo refere-se a percepções socialmente partilhadas de sujeitos pertencentes a grupos diferentes, as quais adquirem um carácter

> de rigidez e alto grau de generalização (Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002). Têm um ponto de aplicação normalmente estrito, uma forte componente afectiva e encontram-se com frequência na base de atitudes de discriminação social (e.g. Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001). Já as representações sociais podem incluir todos estes elementos (inclusivamente a estereotipia social), mas, no caso de não incluírem claras categorizações de grupos sociais, podem não remeter para qualquer tipo de estereotipia social, não implicando, por isso, fenômenos de discriminação social (eg, representação social da psicanálise, estudada por Moscovici,1981) (Barker, 2004, p. 106).

Posto isso, é evidente que as críticas feitas a diversas telenovelas brasileiras se baseiam no estereótipo social, que leva para toda uma nação uma visão muitas vezes ridicularizada e deturpada da realidade social de determinada comunidade. Levando preconceito social e menosprezo para a cultura e local de moradia dessas pessoas, mas, além disso, gera ofensas pessoais para estas mesmas pessoas, o que ocasiona hostilidade e afastamento de diversos grupos sociais. Barker (2004) explora alguns conceitos de outros autores e cita como esses estereótipos podem originar diversos conflitos, vejamos a seguir:

> As experiências já clássicas de Sherif (1976) demonstraram que imagens estereotipadas reforçam e têm origem nos comportamentos hostis entre grupos, produzindo juízos e avaliações que favorecem o grupo de pertença em detrimento de outro grupo. Tais conflitos resultam não das características dos seus membros ou da organização interna dos grupos, mas da necessidade de criar uma identidade social (por referência ao grupo de pertença) e correlativamente a diferenciação intergrupos. Tal processo começa por ser de categorização e diferenciação social e leva ao engendrar de representações sociais dos <outros> frequentemente estereotipadas, sobretudo se os grupos se encontram em situações de competição (Park, Daewoo, 1997, Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002) (Barker, 2004, p. 111).

Em suma, podemos concluir que as criações de estereótipos possuem a intenção de diferenciar grupos, mas eles acabam depreciando tal comunidade, perpetuando na maioria das vezes visões errôneas acerca de sua cultura, fala e localidade. Consideramos que seria mais viável as produções midiáticas realizarem a representação social de um povo, pois traria consigo uma visão mais ampla e flexível do modo de vida dessa determinada população. As novelas, por exemplo, a nosso ver, constroem uma representação de determinados grupos ancoradas em estereótipos e a população, sem sequer perceber, muitas das vezes, acaba sendo influenciada por esse meio de entretenimento e, com isso, acaba repetindo tal representação social.

6. NOVELA: UM VEÍCULO DE ENTRETENIMENTO E INFLUÊNCIA SOCIAL

Definir o que é ou não uma atividade de entretenimento para as pessoas é algo impossível, pois cada ser humano possui um gosto diferente e humores de diferentes tipos. Mas é inegável que as novelas fazem parte do lazer de muitos brasileiros. Sejam elas por meio de emissoras, como a Globo, o SBT, a Record, a Band ou em plataformas digitais, como a Netflix, o Amazon Prime Video, a HBO Max, etc.

As novelas acompanham o tempo de chegada do aparelho televisivo aqui no Brasil. De acordo com Oguri, Chauvel e Suarez (2009), o surgimento da primeira novela aconteceu em 1950 pela extinta TV Tupi, o programa televisivo se chamava “A vida por um fio”. Logo após, surge a TV Excelsior em 1959, e constrói a primeira novela com roteiro totalmente brasileiro, chamada “Ambição”, de Ivani Ribeiro, exibida em 1964. Em 1965, surge a TV Globo, que passa a ser a primeira emissora a investir na profissionalização da área.

Diante disto, é notório que as telenovelas, no Brasil, ganharam muita força ao longo dos anos. Entretanto, no início dessas transmissões, nem todos podiam ter acesso à visualização dessas tramas novelísticas. Para usufruir do programa, era necessário obter um aparelho televisivo e o Brasil, como sempre, com grande desigualdade social, não permitia que pessoas mais pobres tivessem acesso a uma televisão. Sendo assim, quem desfrutava do acesso às novelas eram as pessoas mais abastadas.

Todavia, as novelas começaram a ganhar grande notoriedade na sociedade e novas emissoras começaram a surgir, fazendo com que ficasse mais fácil da população ter acesso a um aparelho televisivo. Como podemos ver em uma fala de Ciro Marcondes Filho na monografia: *O Estereótipo Do Nordestino na Televisão Brasileira*, de Priscila Chammas Dáu:

> De lá para cá muita coisa mudou. A TV popularizou-se e começou a expandir-se, se tornando comum os brasileiros terem em casa mais de um aparelho. Assim, a televisão vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas, chegando a dominar, no final do século XX, todas as outras formas de transmissão de imagens, assim como todos os demais media (Filho, 1994 apud Dáu, 2009, p. 14).

Segundo Dáu (2009), a partir do surgimento de mais emissoras, incluindo a TV Record, em 1953, inicia-se uma batalha pela audiência, que perdura até os dias contemporâneos.

Atualmente, o acesso às novelas é instantâneo. Não é preciso esperar até o horário determinado pela emissora. Mas ainda assim, existem muitas pessoas que esperam até o horário noturno para assistir à novela desejada, como na TV Globo, que até hoje mantém suas produções em horários acessíveis para pessoas que trabalham durante o dia, iniciando sua exibição a partir das 18h25.

É pertinente se perguntar o porquê de as novelas serem tão populares até os dias atuais. E é possível iniciar uma resposta através do tema “imaginação”. Existem dois mundos entre o telespectador e a história passada na novela: o real e o imaginado. Essas histórias despertam nas pessoas esperanças de um final feliz, a sensação de viver amores proibidos e o sentimento do amor verdadeiro. Assim como também desperta sensações de vingança cumprida, ódio e tristeza. Sentimentos, muitas vezes, reprimidos pelo ser humano, no dia a dia, devido a uma vida lotada de compromissos diários. No livro, *Televisão: A vida pelo vídeo*, de Ciro Marcondes Filho, ele nos fala sobre as emoções causadas pela telenovela:

> Isso é a televisão. A distância entre as emoções, a dor, a vida real, as preocupações, as ansiedades, as tristezas, as esperanças das pessoas, e o que aparece na tela, representando tudo isso: um compacto de clichês de tristeza, de dor e de estórias efêmeras; mistura fácil de componentes triviais de apelo. E milhões de pessoas se deixam embalar por essas cenas (Filho, 1998, p. 52).

Como resultado, milhares de pessoas se encontram nas tramas novelísticas, entrando no universo fictício, criando diálogos que poderiam acontecer, se indignando quando um personagem não corresponde à expectativa que lhe foi imposta. Isso acaba criando um vício, uma rotina, e se tornando um hobby.

Ademais, vivemos em um mundo totalmente dependente das mídias; são elas que influenciam nossos pensamentos, nossos desejos, nossas opiniões e nos trazem informações de qualquer lugar do mundo, sem que precisemos sair de dentro da nossa casa. A televisão também se tornou esse lugar de influência, e consequentemente as novelas também se tornaram. Em sua dissertação, O nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: Estudo do imperativo na novela *Senhora do Destino,* Étel Teixeira diz:

> Também nas novelas, crenças e valores interagem com o conteúdo televisivo. Embora reconheçam o caráter ficcional desses programas, as pessoas se envolvem com a narrativa a tal ponto que, por um momento, a fronteira entre a ficção e a realidade se obscurece (Jesus, 2006, p.15).

Sendo assim, tornou-se comum que crianças, adolescentes e adultos criem princípios e noções a partir daquilo que é assistido, desenhem seus jeitos e trejeitos, seus gostos.

Conforme a matéria, “94,3% das casas brasileiras têm TV, mas proporção cai, diz Pnad”, de Karina Moraes no site Poder 360, em 2023 “94,3% dos 78,3 milhões de domicílios do país tinham televisão – ou seja, 73,8 milhões” (Moraes, 2024, s.p), segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pode-se, então, concluir o quão comum tornou-se ter uma televisão em casa, principalmente atualmente. E também em como esse acesso pode influenciar uma sociedade inteira a criar crenças sobre a cultura do outro. Basta ligar a televisão para entender qual é a região com mais “prestígio”, que tem mais “importância” e que é mais noticiada. Isso porque a mídia tem grande poder de persuasão. Vejamos uma citação de Pelinson, Silva e Ribeiro no artigo Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”:

> A mídia é formadora de opiniões, e ditadora de modelos a serem seguidos. Portanto, os conteúdos veiculados podem vir a resultar em uma estereotipagem de massa. Assim, conforme Steinberg (1972), o mundo que vemos na televisão, por exemplo, é aquele filtrado e ressignificado pelos meios de comunicação. Há uma interação entre as crenças e valores dos indivíduos com os conteúdos e estrutura dos programas televisivos, como as novelas (Pelinson *et al.*, 2014, p. 36 *apud* Steinberg, 1972).

Sendo assim, a sociedade brasileira se encontra em um Brasil monopolizado pelas emissoras. E notícias sobre as regiões Norte e Nordeste só possuem a devida importância quando uma grande catástrofe ocorre. A partir disso, surge a necessidade de averiguar como são construídos os preconceitos com relação à relação com a fala do nordestino. Para isso, vejamos a metodologia que traçamos para atingir esses objetivos.

7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho aborda uma pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo dos discursos produzidos acerca do tema que aqui se desenvolve. Dessa forma, entendemos que a abordagem qualitativa, segundo Guerra *et al* (2024), é aquela em que a pesquisa busca sua consolidação nas fundamentações teóricas e metodológicas guiando a coleta e o estudo dos dados. E, para além disso, existem alguns fundamentos basilares para esse tipo de abordagem, compreensão contextualizada dos fenômenos, diversificação na subjetividade e nas perspectivas, flexibilidade e adaptabilidade da pesquisa (Guerra *et al,* 2024, p. 03).

Dessa forma, é de suma importância se atentar aos contextos sociais e às flexibilidades a serem feitas durante a coleta dos dados da pesquisa. Esse tipo de trabalho, quando inserido em estudos de grupos específicos de pessoas, regiões ou localidades, demanda grande sensibilidade e uma boa visão de mundo, diante dos desafios que venham surgir.

Segundo Mason (1998 *apud* De Grande, 2007), é possível entender essa abordagem como:

> [...] preocupada em como o mundo social é interpretado e experienciado, entendido e produzido, baseando-se em métodos de geração de dados flexíveis e sensíveis ao contexto social em que o dado foi gerado. Segundo a autora, esse processo de geração de dados exige do pesquisador capacidade de pensar e agir estrategicamente, ao combinar preocupações intelectuais, filosóficas, técnicas, práticas e éticas para estar consciente das decisões tomadas e suas consequências (Mason, 1998 *apud* De Grande, 2007, p. 02).

Assim, trabalhar com a pesquisa qualitativa traz grande responsabilidade acerca da bagagem de mundo que o pesquisador carrega, e de uma visão flexível e imparcial dos dados que serão coletados e analisados, para que, assim, tenha-se maior confiabilidade na pesquisa, sem uma distorção da realidade.

Ao mesmo tempo, iremos trabalhar com a pesquisa interpretativa, que, segundo Bhattacherjee (2019), possui embasamento em uma realidade social que não é única ou objetiva, mas que é formada pelos conhecimentos de cada pessoa em seus contextos sociais, sendo assim melhor utilizada dentro de contextos sociohistóricos. Ela faz uso da interpretação da realidade através da concepção de sentidos reais, acerca do meio que será estudado (Bhattacherjee, 2019, p. 99). Em

suma, a junção das duas variações de pesquisa trará maior flexibilidade na interpretação e discussão dos dados deste e de outros trabalhos que venham a ser utilizados.

7.1. CORPUS DE ANÁLISE

Neste estudo, realizamos uma pesquisa retrospectiva de 10 anos de novelas que apresentam personagens nordestinos, com um certo destaque, nas tramas da emissora da Globo. A escolha pela rede Globo de televisão deve-se ao fato dela ser a emissora que mais produziu novelas ao longo de sua existência, criando assim, maior aporte para a seleção de dados da nossa pesquisa. Segundo o Papo de Novela, podcast do Gshow, “em 57 anos de história, a Globo produziu e exibiu, ao todo, 321 telenovelas” (Gilard Nunes, 2021)[2]. Com base nisso, iniciamos a busca de nosso *corpus* de investigação de 2015 até o ano presente, 2025.

Em 2015 não foi encontrada nenhuma novela que contivesse personagens nordestinos. Entretanto, 2016 foi ano de lançamento de *Velho Chico*, trama ambientada no vale do Rio São Francisco. Velho Chico traz uma história que se inicia em 1960 e que perdura até os tempos contemporâneos, tratando de um amor “impossível” entre os personagens Maria Tereza de Sá Ribeiro e Santo dos Anjos.

No ano de 2018, temos a novela *Segundo Sol*, ambientada em Salvador e em uma cidade fictícia chamada Boiporã. A maioria dos personagens são ligados à cultura baiana e ela conta a história de Luzia e Beto Falcão, além de tratar de temas como prostituição.

Ainda no mesmo ano, temos a telenovela (minissérie) *Onde Nascem os Fortes*, ambientada no nordeste e numa cidade fictícia chamada Sertão. A trama traz mais uma história de amor “impossível” e, segundo a Memória Globo (2023)[3], “onde quem sobrevive são os fortes e nem sempre a lei é soberana”.

---

[2]Disponível em: https://gshow.globo.com/podcast/novela-das-9/noticia/voce-sabia-descubra-quantas-novelas-a-globo-ja-fez-e-outras-curiosidades-da-teledramaturgia.ghtml. Acesso em: 21 de set. de 2025

[3] Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/onde-nascem-os-fortes/noticia/onde-nascem-os-fortes.ghtml. Acesso em: 21 de set. de 2025.

Em 2019, estreia a novela Amor de mãe, apresentando uma das personagens principais como vinda de uma de uma cidade natal fictícia do Rio Grande do Norte, Malaquitas, e que precisa se mudar para o Rio de Janeiro devido a alguns problemas em sua vida.

A próxima telenovela só aparece em 2022, chamada de Mar do Sertão. Ela também é ambientada no sertão nordestino e novamente em mais uma cidade fictícia chamada Canta Pedra, a qual diz a lenda que já foi mar e virou sertão. Ela traz a história de amor de Candoca e Zé Paulino.

Já em 2024, surge a telenovela No Rancho Fundo, trazendo a história principal da personagem Quinota e Arthur. A trama acontece quase inteiramente no sertão nordestino, nas cidades fictícias de Lapão da Beirada e Lasca Fogo.

No presente ano, 2025, surge a telenovela Dona de Mim, ambientalizada no Rio de Janeiro, e conta a história de Leona (que sai do Nordeste para o Rio de Jnaiero), que demonstra ser uma jovem trabalhadora, determinada, mas que vive com algumas crises financeiras. Ainda nesse ano, temos a novela Guerreiros do Sol, a qual se inspira nas histórias de Lampião e Maria Bonita, e é ambientalizada no sertão nordestino, representando os anos de 1920 a 1930.

Dessa forma, temos um total de 8 novelas, como *corpus* geral, possuindo cenários e personagens nordestinos com certo destaque, nesses últimos 10 anos.

A escolha dessas três novelas é resultado de uma decisão metodológica, baseada nas categorias analíticas (itens lexicais e humor) mais frequentes, que serão aplicadas nas análises desta pesquisa. Ou seja, foram as três novelas em que as categorias que elencamos para sustentar as nossas análises foram as mais recorrentes. Isso não significa dizer que as demais novelas não foram investigadas. Mesmo escolhendo expor os dados mais específicos, referentes ao *corpus* reduzido da pesquisa, as considerações gerais de nossa investigação levam em conta todo o *corpus* geral da investigação. No próximo tópico, iremos nos aprofundar mais nas histórias dessas novelas e em seus personagens.

7.2. DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

A telenovela Mar do Sertão, lançada em 2022, é uma criação de Mário Teixeira. Trama ambientalizada na cidade fictícia de Canta Pedra. A trama dá enfoque em temas como coronelismo e seca. Dentre os personagens temos

Candoca, Zé Paulino e Tertulinho, os 3 acabam envoltos num triângulo amoroso. Candoca é uma menina simples, professora da cidade e inicialmente noiva de Zé Paulino. Quanto a este, é um homem honesto, vaqueiro e trabalhador, após ir a um trabalho e não retornar à cidade, é dado como morto. Tertulinho, filho do coronel Tertúlio e Deodora, é um rapaz que retorna para Canta Pedra depois de completar os estudos e se apaixona por Candoca. E temos também Timbó, um dos amigos de Candoca e Zé Paulino. É analfabeto, personagem caricato e que está sempre fazendo graça mesmo nas situações difíceis.

A novela “No Rancho Fundo” é uma criação de Mário Teixeira e foi lançada em 2024. Tem como história principal uma família pobre do sertão paraibano, no Nordeste. É possível, a partir de uma primeira visão, notar grandes faltas em relação a essa trama. Podemos iniciar falando do cenário da abertura da novela que, ao mesmo tempo que se utiliza da xilogravura, também mostra o local que carrega toda a história como um lugar seco, de difícil acesso, estrada de chão, somente pedras e cactos. Tentando, assim, trazer recursos culturais nordestinos, mas dando continuidade à estereótipos que contribuem para uma visão pejorativa do público sobre o que realmente há no Nordeste.

A trama gira em torno de Quinota e sua família e Arthur. Quinota é uma garota pobre, morando em uma casa sem energia elétrica e vive da roça com seus pais e irmãos. Arthur é filho de um homem rico da cidade, estudou fora e retornou a cidade para seguir na empresa do pai, e assim acaba encontrando Quinota e formam um par romântico. A família de Quinota acaba enriquecendo devido sua mãe encontrar uma pedra preciosa, e o pai de Arthur tenta se beneficiar dessa descoberta, tentando roubar a pedra.

Por último temos a telenovela Guerreiros do Sol, exibida até agosto de 2025, sendo escrita por George Moura e Sergio Goldenberg. Novamente vemos uma novela trazendo temas como a seca nordestina, o coronelismo e a pobreza do povo sertanejo. Essa novela em especial, é dita como tendo inspiração na história de Lampião e Maria Bonita.

Como personagens principais temos Rosa, uma garota simples e sonhadora, mas que também é determinada e acaba entrando para o cangaço. Josué também faz parte do cangaço e, ao conhecer Rosa, os dois se apaixonam. Mas são atrapalhados de viver esse amor, pois Elói, coronel viúvo e rico da cidade de Santa Cruz, convence Rosa a casar-se com ele, para que assim ela tire sua família da miséria.

Ao longo dessas três tramas novelísticas é possível identificarmos aspectos, em comum, construídos tanto para os cenários, quanto para os personagens: seca, falta de tecnologia, roupas sujas, sofrimento, falta de oportunidades empregatícias (remontando cenários já ocorridos muito tempo atrás, mas que não se perpetuam hoje em dia), analfabetismo, machismo, brutalidade etc. Dessa forma, há quase um padrão na construção dessas telenovelas, retomando sempre os mesmoS preconceitos e visões deturpadas do Nordeste e do que é ser nordestino.

7.3. CATEGORIAS ANALÍTICAS

Para iniciar a análise de um conteúdo, é necessário definir os critérios e as categorias que deverão ser consideradas, a fim de que a análise privilegie as características realmente necessárias para a consolidação da investigação. Como afirma Janis (1982 *apud* Carlomagno e Rocha, 2016, p. 175):

> A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações cotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas (Janis, 1982 *apud* Carlomagno e Rocha, 2016, p. 175).

Portanto, optamos por examinar as cenas das novelas selecionadas, investigando-as sob o olhar de dois tipos de categorias analíticas: itens lexicais e humor.

A primeira delas sendo os itens lexicais, que englobam expressões idiomáticas, substantivos, verbos, gírias e ditos populares. Segundo Silva (2002, *apud* Zavaglia, 2006, p. 28):

> [...] o léxico representa: “o repositório dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade lingüística, para conhecer bem o significado de uma palavra é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que é usada”.

Selecionamos os itens lexicais a fim de entendermos, a partir do contexto das falas criadas para os personagens nordestinos e averiguarmos quais possíveis imagens eles sinalizam para serem construídas do que é ser nordestino. Ou seja, tentaremos entender como tais itens lexicais estão relacionados com a atribuição de estereótipos sociais e verificar se há uma possível propagação de estereótipos, advindos da utilização de tais itens.

A segunda categoria analítica é o humor. A partir dela poderemos analisar sob quais perspectivas a fala nordestina foi construída. O humor, por mais feliz que deva ser, nem sempre traz às pessoas o riso, mas sim o sentimento de vergonha, medo, choque, incredulidade. Vejamos uma citação de Bergson, no livro O Riso:

> A comicidade é aquele aspecto da pessoa pelo qual ela parece uma coisa, esse aspecto dos acontecimentos humanos que imita, por sua rigidez de um tipo particularíssimo, o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem a vida. Exprime, pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é um certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos (Bergson, 1983, p. 43).

Nesse ínterim, tentaremos identificar o tipo de humor causado a partir das falas nordestinas: se esse gera comicidade pela diferença que há entre algumas variações nordestinas e o português padrão ou se, além disso, ele gera uma imagem estereotipada, fundamentando-se na representação do nordestino como uma pessoa ingênua, muito brava, não inteligente etc.

Vejamos, a partir disso, a análise das falas das cenas escolhidas na próxima seção.

8. NOVELAS EM AÇÃO: FALAS E ESTEREOTIPIZAÇÃO

Ao iniciar a busca pelas falas nas novelas que constituíam o nosso *corpus específico* para serem expostas nas análises, identificamos um total de 11 cenas que melhor atendiam os objetivos traçados em nossa pesquisa. Dentre elas, expomos a análise de apenas três (uma de cada novela), pois as categorias de análise foram mais recorrentes nestas cenas.

Desta forma, veremos a seguir, primeiramente, a descrição das cenas e, logo após, iniciaremos propriamente a exposição de nossa análise.

Figura 1: Cena 1 - Guerreiros do Sol - Capítulo 01

(**Fonte:** *Guerreiros do Sol*. Direção de George Moura e Sérgio Goldenberg. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2025. Disponível em: https://noveflix.vip/assistir/guerreiros-do-sol/. Acesso em: 22 de Out. 2025)

Na imagem acima, os irmãos Alencar, Josué, Arduíno, Sabiá e Crispino estão conversando sobre ir ou não ao forró na casa de Elói, coronel rico e muito respeitado. Durante a conversa, Josué desafia seu irmão Arduíno para ver quem consegue dançar mais forró. Na cena em questão, Crispino se dirige aos irmãos e fala:

Fala 01:

> "Crispino: - De besta Josué não tem nada, isso aí é mais esperto do que preá buchuda."

Vemos aqui clara intenção em dizer que o irmão é muito esperto, astuto ou inteligente. Entretanto, indagamo-nos: por qual motivo é usada a expressão “preá buchuda”? Esses são itens lexicais que não são ouvidos na cultura nordestina, e ainda mais pernambucana, onde se passa a história. Consideramos que, a expressão por, possivelmente, denotar uma carga humorística, foi utilizada na cena na intenção de quebrar a tensão que se estava gerando entre os personagens. Sendo assim, ainda é utilizada uma expressão não nordestina, que acaba sendo remetida ao povo nordestino, para causar o riso, revisitando o personagem nordestino bem-humorado, caricato, que se utiliza de diversos falares para causar o riso. Esse tipo de fala acaba construindo e limitando a percepção da diversidade e complexidade do povo nordestino, atribuindo-lhe tomando por base o contexto da fala identidades de pessoas simplistas e sem educação

Sendo assim, é possível entender que, ao trazer uma expressão tão incomum, por meio da junção de itens lexicais, sem registro de existência até mesmo na internet, a qual possui grande repertório de conhecimento, a novela gera uma imagem distorcida de como é o falar do nordestino. É possível entendermos melhor tal feito por meio da citação de Oliveira:

> Ao apresentar, em momentos cujo público é mais numeroso, uma representação caricaturizada da fala de uma personagem… a possibilidade de inculcar nos assistentes uma ideia controversa da identidade linguística de determinada comunidade linguística é grande, tornando-se algo passível de estigmatização, gerando o preconceito linguístico. Reconhecido por Bagno (2015) como um mal invisível, por não ter claramente posicionamentos contrários, nem militância expressa, mas se trata de uma forma de discriminação tão cruel como qualquer outra (Oliveira, 2022, p. 942).

Talvez, para muitas pessoas, “preá buchuda” pode ser uma simples expressão que não traz uma ofensa explícita ao povo nordestino. Entretanto, são falas como essas — as quais consideramos como errôneas, uma vez que não representam a cultura nordestina — que trazem diversos ataques e xenofobia ao povo. Essa expressão, carregada de humor, estranheza e que traz consigo um substantivo que nomeia um animal da fauna nordestina, possibilita a atribuição ao nordestino de um estereótipo de grupo “burro”, “analfabeto” e “matuto”.

Figura 2: Cena 2 - Mar do Sertão - Capítulo 028

A próxima imagem também é pertencente à mesma novela e minutagem da cena acima.

Figura 3: Cena 2 - Mar do Sertão - Capítulo 028

(**Fonte:** *Mar do Sertão*. Direção de Allan Fiterman. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2022. Disponível em: https://noveflix.vip/assistir/mar-do-sertao/. Acesso em: 16 de Out. 2025)[4]

[4] As imagens dos tópicos "**Imagem 02**: Cena 2 - Mar do Sertão - Capítulo 028 e **Imagem 03**: Cena 2 - Mar do Sertão - Capítulo 028" se referem à mesma cena. Elas foram apresentadas em duas imagens apenas para melhor visualização dos personagens.

Na cena acima, há um diálogo entre Rosinha, filha de Timbó, e Tomás, gerente do banco local. Eles conversam sobre um empréstimo que Rosinha conseguiu para pagar seus estudos e assim se tornar engenheira. Logo, Timbó chega ao local e interrompe a conversa entre os dois, ameaçando Tomás e evidenciando a posse de um canivete. Ele fala:

Fala 02:

> "Timbó: - Já viu transformar touro em boi? É assim, tu dá um taiãozinho aqui, outro ali, mais um acolá, num instante garrote começa a mugir fino, que nem uma maritaca."

É notória a intenção de Timbó alertar ao rapaz que não deve chegar perto de sua filha, ou então o mesmo será castrado, como se faz com o gado. Entretanto, a escolha dos itens lexicais utilizados, como em "taiãozinho", "acolá", "mugir fino" e "maritaca", no diálogo, contribui para expressar uma forma mais informal, o que possivelmente procura atribuir sentidos de humor a fala.

Tais itens corroboram para a construção de uma frase caricata, de um homem analfabeto, com um falar mais simples, mas carregada de uma visão, a nosso ver, estereotipada de nordestino bruto e violento, que resolve tudo com a agressão ou ameaça. Essa estereotipação acaba sendo disseminada para milhares de brasileiros, causando uma imagem generalizada do homem nordestino.

Santos e Neto (2024 *apud* Albuquerque, 2003) tratam sobre a construção da imagem desse homem nordestino, abordando:

> Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril [...] o nordestino é inventado como um tipo regional, como figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso desde o começo do século, vistas como feminizadoras da sociedade e que levavam a região ao declínio (Albuquerque JR, 2003 *apud* Santos e Neto, 2024, p. 04)

Posto isto, torna-se irrisório trazer para dentro de uma trama novelística, produzida em 2022, e segundo o Gshow[5] com uma história que "começa em 2012 e tem uma passagem de tempo de 10 anos até a segunda semana de exibição",

[5] Disponível em: https://gshow.globo.com/novelas/mar-do-sertao/noticia/mar-do-sertao-saiba-tudo-sobre-a-nova-novela-das-6.ghtml. Acesso em: 24 de Out. de 2025.

uma temática tão obsoleta. Isso proporciona a construção, disseminação e continuidade de um estereótipo que remete ao patriarcalismo: do pai que não era protetor, mas sim possessivo, e de um tempo em que as mulheres nem sequer podiam escolher seus pretendentes.

Vejamos, então, agora a análise da cena da próxima novela:

Figura 4: Cena 3 - No Rancho Fundo - Capítulo 003

A próxima figura também pertence à mesma novela e minutagem da cena acima.

Figura 5: Cena 3 - No Rancho Fundo - Capítulo 003

(**Fonte:** *No Rancho Fundo*. Direção de Allan Fiterman. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2024. Disponível em: https://noveflix.vip/assistir/no-rancho-fundo/. Acesso em: 17 de Ago. 2025)[6]

[6] As imagens dos tópicos "**Imagem 03**: Cena 3 - No Rancho Fundo - Capítulo 003 e **Imagem 04**: - Cena 3 - No Rancho Fundo - Capítulo 003" se referem a mesma cena. Elas foram inseridas em duas imagens apenas para uma melhor visualização dos personagens.

Nas imagens acima, ocorre um diálogo entre três personagens, Sabá Bodó, prefeito de Lapão da Beirada, a esposa e primeira dama, Nivalda, e a secretária da prefeitura, Dona Escolástica. O tema da conversa é a volta do prefeito e da primeira dama para a cidade, pois esses passaram um tempo presos. Sabá Bodó chama Dona Escolástica para saber sobre as necessidades das pessoas de Lapão da Beirada:

Fala 03:

Sabá Bodó: - Nós vamos conseguir a concessão, Nivalda. A concessão para explorar aquelas terras. Dona Escolástica!

Fala 04:

Dona Escolástica: - Arretadíssimo! Arretadíssimo!

É possível, através do diálogo, notar o uso de um item lexical comum para identificar a fala nordestina. O termo “arretado”, que acabou sendo flexionado (uma flexão de grau superlativo), de forma não comum no dia a dia de conversas nordestinas. Ele foi utilizado para se referir a Sabá Bodó, como alguém de forte personalidade, inteligente, com grande poder. Uma vez que o personagem não apresenta nenhuma dessas características, consideramos que a seleção de tal palavra para caracterizar o prefeito foi utilizada na cena com a intenção de possibilitar um efeito de sentido cômico. Além disso, consideramos que o termo foi incluído como um elemento para denotar que a variação era unicamente da fala nordestina.

Entretanto, o humor proveniente provavelmente do item lexical trazido na fala 04, em diálogo com a fala 03, novamente se relaciona com a construção de estereótipos sociais do grupo nordestino, uma vez que a fala não procura trazer e evidenciar a valorização da cultura nordestina, por exemplo. Ao longo da novela, é notória a caracterização ridícula atribuída a esse personagem analisado. Uma entrevista do portal de notícias, Notícias Pretas, traz uma análise acerca da estrutura dos personagens dessa novela, que nos dá suporte ao que foi falado acima:

> O intuito da novela não é mostrar essa discrepância social, histórica, educacional entre essas regiões, mas mostrar de forma caricata a figura do nordestino e reforçar como aquele bobão, cômico, sem muito estudo,

> semianalfabeto, engraçado, na grande maioria das vezes. Isso quando não é um nordestino preto, pobre e gay. Aí são vários recortes e realidades sociais diferentes (Ramos, 2024).

Esse tom desrespeitoso ao personagem e à imagem nordestina gera mais ridicularização do povo do que identificação. Além disso, há a falta de responsabilidade de colocar um ser tão caricaturado no comando de uma prefeitura, retratando como seria fácil e como não precisaria de seriedade e inteligência para se obter tal cargo.

8.1. SÍNTESE ANALÍTICA

As análises das três cenas evidenciam a equivocada construção das falas destinadas a personagens nordestinos. Denotam também a falta de cuidado na utilização de itens lexicais que deviam se referir à cultura nordestina, como no termo “arretadíssimo”, flexionado para o grau superlativo, abrindo um leque de incoerências, transformando uma marca da oralidade nordestina em algo cômico. E a utilização da expressão “preá buchuda”, na qual juntaram duas palavras regionais, sendo o preá um animal da fauna nordestina e buchuda, que se refere a uma mulher grávida, e transformaram isso em expressão nordestina. Entretanto, não se é de conhecimento nordestino a utilização dessa gíria.

Também notamos a forma como a utilização de algumas palavras são utilizadas para trazer à tona o nordestino bruto, raivoso, simplista, analfabeto. Tudo isso em uma única fala, como em “taiãozinho”, “acolá”, “mugir fino” e “maritaca”. O problema não está nos itens lexicais acima ou na sua utilização, mas sim, no sentido que eles passam ao público. Persistir no uso de tais elementos de forma errônea apenas contribui para perpetuação do preconceito linguístico, do povo nordestino e consequentemente, do viver da cultura nordestina.

A comicidade e expressões mal utilizadas, dentro desses roteiros novelísticos, não são apenas itens que preenchem falas, causam o riso ou que não têm nenhuma relevância. A sociedade escuta, reproduz, identifica e estereotipa pessoas através do que veem nessas telenovelas. Baseiam, com isso, seus conhecimentos e se deixam influenciar, muitas vezes, pelo que é assistido.

Portanto, as cenas analisadas evidenciam o impacto negativo que esse entretenimento tem em certas culturas, e como a formação, propagação e perpetuação de estereótipos possui conexão com essas narrativas. Não é aceitável

que ainda precisemos, depois de tantos anos, continuar tocando no mesmo ponto em relação a essas visões deturpadas que foram criadas relacionadas ao Nordestino e ao nordestino.

Em geral, o que vemos nas telenovelas é a busca pela incrementação de assuntos que estão em alta, trazendo mais veracidade e realismo para as histórias que estão sendo contadas, buscando aproximar a ficção daquilo que o telespectador vê e escuta no dia a dia. Se transformando, até mesmo, em um canal de ensino, para muitos. Mostrando a atualização do mundo ao redor. Entretanto, esse mesmo contexto não é aplicado à região Nordeste. Os escritores de novelas olham para essa região como um lugar parado no tempo, como se o sofrimento, a seca, a falta de tecnologias, o analfabetismo, o machismo, pertencessem apenas ao nordestino. Como se as únicas histórias, relacionadas a essa cultura, a esse povo, a essa região, só chamassem a atenção e fizessem sucesso, quando contadas a partir dessa narrativa infestada de estereótipos e preconceitos.

O mundo está cheio de “achismos”, de opiniões que se baseiam em notícias falsas, de distribuição, na internet, de conteúdos preconceituosos. Para a cultura nordestina, as telenovelas perpetuam esse mesmo cenário. Quando, na verdade, possui as ferramentas e recursos necessários para buscar uma escrita realista.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> O sonho é que leva a gente para a frente. Se a gente for seguir a razão, fica aquietado, acomodado. (ACAD. BRAS. LETRAS, 2023).

A pesquisa buscou compreender como a fala nordestina aparecia nas novelas brasileiras, mais especificamente nos últimos dez anos de novelas da TV Globo, por ser a emissora com maior tiragem de lançamentos, visando, de modo geral, entender como essas falas contribuíam para a construção de uma visão estereotipada do falar nordestino, proporcionando a partir disso a criação e repercussão do preconceito linguístico ao grupo nordestino.

Por meio da pesquisa, observamos que o tratamento da fala nordestina de personagens, no gênero televisivo novela, ainda é muito descuidado, criando expressões que, para o público, são associadas unicamente à cultura da região do Nordeste. Averiguamos, a partir dos diálogos dos personagens analisados, que a fala nordestina está atrelada de fato à criação de estereótipos sociais, o que a nosso ver possibilita a negação ao outro do direito de exercer sua comunicação sem ter a sensação de subalternidade. Segundo Fabiana Moraes, no Jornal Intercept Brasil:

> Percebi que em boa parte do imaginário nacional – retroalimentado pelas caras sofridas dos personagens nordestinos que emissoras como a Globo criam –, a cesta básica nordestina é composta por farinha, rapadura, cuscuz e dois quilos de calango. Chega a ser engraçado[...] ver como empresas com tanto dinheiro pararam no tempo e insistem em publicizar uma história única e manjada sobre uma região heterogênea. O problema é como isso é assimilado e devolvido: muitas vezes, em forma de pura violência[...] (Moraes, 2024).

Dessa forma, a partir do momento em que toda uma sociedade é baseada e diminuída por meio de um único modelo e da visão de alguém de fora da comunidade, toda a abrangência e diversidade cultural desse povo é resumida a uma imagem simplista do que é ser nordestino. Dito isto, fica óbvio que as representações vistas nessas novelas só mantêm o preconceito vivo.

De acordo com as análises realizadas, a partir das cenas das novelas Guerreiros do Sol, Mar do Sertão e No Rancho Fundo, é possível concluir, segundo as categorias analíticas deste trabalho, como os itens lexicais do vocabulário nordestino ainda são atrelados a uma imagem caricatural, simplista, selvagem,

bruta, ignorante, e que se utiliza do humor para criar uma figura cômica, beirando à ridicularização do personagem, reforçando preconceitos históricos.

Sendo assim, é necessário que a mídia, enquanto formadora de opinião e influenciadora de modos, se responsabilize a partir daquilo que está construindo. Embora existam diversos temas e avanços técnicos, a representação de alguns grupos sociais ainda é falha, perpetuando estereótipos e dando material para a criação de novos. Fábio Agra, no jornal Observatório da Imprensa, discute um pouco sobre isso:

> Não é preciso ler muito para perceber que os grandes jornais e a grande mídia do Sudeste são ignorantes em matéria de estudos sobre os nove estados do Nordeste. Talvez a única referência deles ainda seja *Os Sertões*, cujo substantivo serve para alimentar o imaginário de quem vive em outras regiões do país e os faz pensar que todo o Nordeste é um grande sertão pobre e miserável. Desconhecimento geográfico, social e cultural é o que não falta nos meios de comunicação de São Paulo e Rio (Agra, 2014).

Logo, tornam-se necessárias, a partir de representações linguísticas mais realistas em temas diversificados que englobam a nossa região, excluir a visão do nordestino mal vestido, sujo, analfabeto, sofrido. Não são gírias ou expressões linguísticas que devem ditar quem o sujeito é, pois todos temos nossas peculiaridades e modo único de vida; cada um carrega consigo uma bagagem de vida particular.

Sendo assim, esta pesquisa contribui para a continuação da discussão sobre o preconceito linguístico, trazendo mais informações a serem incluídas nesta pauta, considerando a diversidade cultural e como os falares regionais ainda devem ser devidamente representados. Além disso, enfatizamos a importância dos estudos sociolinguísticos como uma ferramenta de conscientização e combate ao preconceito linguístico, o que pode ao certo contribuir para a realização de trabalhos futuros.

Consideramos, por fim, que frutos das discussões realizadas por meio de nossa investigação sejam colhidos. Temos a esperança de contribuir para isso. Pesquisas podem ampliar as análises para as falas em filmes e notícias, por exemplo. Ou até mesmo, pode-se investigar como a figura do nordestino é apresentada em materiais didáticos ou no livro escolar, mais especificamente.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **ABL na mídia – Ariano Suassuna**: as 10 melhores frases do pensador brasileiro. Disponível em: https://www.academia.org.br/noticias/abl-na-midia-th-ariano-suassuna-10-melhores-frases-do-pensador-brasileiro. Acesso em: 31 de out. de 2025.

AGRA, Fábio. O silogismo da grande mídia e o ódio ao Nordeste. **Observatório da Imprensa.** 14 de Out. 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed820_o_silogismo_da_grande_midia_e_o_odio_ao_nordeste/. Acesso em: 04 de Nov. 2025.

ALFA: Revista de Linguística. **Homenagem a Maria Tereza de Camargo Biderman.** Universidade Estadual Paulista - São Paulo, v.50, n.2, p.1-281. 2006. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/download/311/57. Acesso em: 20 de out. de 2025.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de**. Linguagem regional e fala popular.** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.8, n.1/2, 1977, p.171-181.

AZEVEDO, Karina Falcone De. **(Des)legitimação:** ações discursivo - cognitivas para o processo de categorização social. 2008. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008**.** Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7227. Acesso em: 25 de Ago. 2025.

BARBISAN, Leci Borges. Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas. **Letras de Hoje**, v. 39, n. 4, 2004.

BARKER, Anthony David (org.). **O Poder e a Persistência dos Estereótipos / The Power and Persistence of Stereotyping**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. ISBN 972-789-132-2.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico***.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Disponível em: https://cirurgioesdaalegria.org.br/storage/app/uploads/public/5c4/85e/491/5c485e491cbc8055860610.pdf. Acesso em: 20 de out. 2025.

BESSA, Bráulio. **“Ser Nordestino”**. Blog Silvério Alves, 08 out. 2022. Disponível em: https://blogsilverioalves.com/cotidiano/poema-ser-nordestino-por-braulio-bessa/. Acesso em: 31 de out. de 2025.

BHATTACHERJEE, Anol. **Pesquisa em Ciências Sociais: Princípios, Métodos e Práticas (Edição revisada).** University of Southern Queensland. Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License, 2019. Disponível em: https://usq.pressbooks.pub/socialscienceresearch/. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

CARLOMAGNO, Márcio C. ROCHA, Leonardo Caetano da. Como Criar E Classificar Categorias Para Fazer Análise De Conteúdo:Uma Questão Metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771. Acesso em: 19 out. 2025.

DÁU, Priscila Chammas**. O estereótipo do nordestino na televisão brasileira**. 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31043. Acesso em: 10 de out. 2023.

DE GRANDE, Paula Baracat. **Desafios da pesquisa qualitativa: um percurso metodológico inicial**. *Língua, Literatura e Ensino*, v. 2, maio de 2007. Campinas: Unicamp. Disponível em: https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/10. Acesso em: 11 de jun. de 2024.

DIAS, Ana Beatriz. **Qual foi a primeira novela da TV Globo? Conheça a trama e veja imagens.** CNN Brasil, 2024. Disponível em:
Disponível em:
[https://www.dicio.com.br/preconceito/#:~:text=Significado%20de%20 Preconceito,%2C%20conhecimento%20 nem%20 reflex%C3%A3o%3B%20 prejulgamento.] Acesso em: 22 de mar. 2025

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. **Sociolinguística: o papel do social na língua.** Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017**.** Disponível em:http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile /444/414. Acesso em:16 de fev. 2025.

FILHO, Ciro Marcondes. **Televisão:** A Vida Pelo Vídeo. Moderna, São Paulo, 1998.

GUERRA, A. de L. e R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M. da; CASTRO JÚNIOR, F. P. de; LACERDA JÚNIOR, O. da S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, *[S. l.]*, v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. Disponível em: https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019. Acesso em: 25 jun. 2025.

JESUS, Étel Teixeira de. **O nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino**. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
LAPERUTA-MARTINS, Maridelma . PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Origem na Sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório**, 2017, v. 3 n. 1 (2017)pp.305-326.

LIMA, Maria Manuel. Considerações Em Torno Do Conceito De Estereótipo: Uma Dupla Abordagem. **Revista da Universidade de Aveiro** - Letras. 1997-n 14.

LIMA, Simone da Silva. Estereótipo e generalização do Nordeste: a imitação das vogais pretônicas na novela A Indomada. **TCC** (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2024.

MEMÓRIA GLOBO. **Onde nascem os fortes.** Rio de Janeiro: Globo, 2023. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/onde-nascem-os-fortes/noticia/onde-nascem-os-fortes.ghtml. Acesso em: 21 set. 2025.

MORAES, Fabiana. Os xenófobos que ofendem nordestinos têm uma estranha obsessão pelo calango. **Intercept Brasil.** 13 de mar. 2024. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2024/03/13/xenofobos-que-achincalham-nordestinos-tem-estranha-obsessao-pelo-calango/. Acesso em: 04 de nov. 2025.

MORAES, Katarina. 94,3% das casas brasileiras têm TV, mas proporção cai, diz Pnad. **Poder 360**. Brasília, 16 de agosto de 2024. Poder Tech. Disponível em: [https://www.poder360.com.br/poder-tech/cai-a-proporcao-de-casas-com-televisao-no-brasil-diz-pnad/#:~:text=6%C2%AA%20feira%20(16.-,ago.,seja%2C%2073%2C8%20milh%C3%B5es.]. Acesso em: 22 de fev. 2025.

NUNES, Andréa Cardoso; DOURADO, Jacqueline Lima. **O nordeste nas novelas da rede globo: 1965–1975.** Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 16 n.16, p. 157-172**.** Campina Grande, 2012. Disponível em: https://files.core.ac.uk/download/229069990.pdf. Acesso em: 25 de out. 2024.

OGURI, L. M. B.; CHAUVEL, M. A.; SUAREZ, M. C.. O processo de criação das telenovelas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 1, p. 38–48, jan. 2009.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. A reprodução de falares pelas novelas brasileiras: se faz rir, não nos representa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 4, p. 1-20, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6398202218436. Acesso em: 23 out. 2025.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRIMÓRDIOS, CONCEITOS E METODOLOGIA/LINGUISTIC VARIATION: ORIGINS, CONCEPTS AND METHODOLOGY. Revista ECOS, *[S. l.]*, v. 21, n. 02, 2017. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1871. Acesso em: 28 out. 2025.

PELINSON, Fabiana; SILVA, Anderson Lopes da; RIBEIRO, Regiane Regina. Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”. **Vozes e Diálogo**. Itajaí, v. 13, n. 01, jan./jun. 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** — Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

RAMOS, Matheus. “A velha impressão que o Nordeste é a região mais atrasada”, diz historiador sobre estereótipos na teledramaturgia. Portal de Notícias - Notícias Pretas. 2024. Disponível em: https://noticiapreta.com.br/velha-impressao-nordeste-

regiao-atrasada-historiador-estereotipos-teledramaturgia/ Acesso em: 30 de set. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro - a formação e o sentido do brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

RIBEIRO, Débora. Significado de Preconceito. **Dicionário online de Português**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/preconceito/#:~:text=Significado%20de%20Preconceito,%2C%20conhecimento%20nem%20reflex%C3%A3o%3B%20prejulgamento. Acesso em: 22 de mar. de 2025

SANTOS, Brenda Evaristo Reis. NETO, David Alves de Souza. A Representação da Figura do Nordestino e do Espaço Sertão em Filmes Brasileiros: Uma Análise Sobre as Discrepâncias Entre “Gonzaga, de Pai para Filho” e “Boi Neon”. Trabalho apresentado n. 24. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Natal/RN, 08 a 10 maio 2024. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/12/1519/04052024100323660ff69bd7fa1.pdf. Acesso em: 24 de out. de 2025.

SANTOS, Cleo. **O Ensino da Língua Portuguesa:** Considerações sobre o preconceito linguístico. Editora Bibliomundi Serviços Digitais Ltda, 2022.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes poodles:** variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Artes e Letras. Curso de Graduação em Letras/Português. **Sociolingüística. 3º semestre**. Santa Maria: UFSM, [s.d.]. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16413/Curso_Let-Portug-Lit_Sociolinguistica.pdf?sequence=1. Acesso em: 08 de abril de 2025.